

Prática Curricular no Ensino Superior: Gênero e Experimentação

Inauã Weirich Ribeiro
Angélica Vier Munhoz
Priscila Pavan Detoni

¹Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, RS, Brasil.

²Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, RS, Brasil.

³Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Passo Fundo, RS, Brasil.

Resumo: Este trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil, apresenta uma problematização das noções de currículo associado à gênero e uma experimentação curricular desenvolvida em meio a uma Instituição de Ensino Superior. A partir de uma perspectiva pós-estruturalista de currículo, utilizamos como procedimento metodológico a noção de arquivo de Michel Foucault (2009). O material empírico é composto por produções acadêmicas e um diário de campo. Consideramos como elementos a serem destacados os ditos dos participantes, as suas motivações e as reflexões levantadas ao longo dos encontros.

Palavras-chave: Currículo. Gênero. Ensino Superior. Experimentação.

Resumo: This study, financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior and by the Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul, presents a problematization of the curriculum notions associated with gender and curricular experimentation developed in a Higher Education Institution. Starting with a post-structuralist perspective of curriculum, we used it as methodological procedure the archive notion from Michel Foucault (2009). The empirical material is composed of academic productions and a field journal. We considered the participants' discourses, the personal motivation, and the reflexions raised over the meetings as elements to be highlighted.

Palavras-chave: Curriculum. Gender. Higher Education. Experimentation.

Como citar: RIBEIRO, I. W.; MUNHOZ, A. V.; DETONI, P. P. Prática Curricular no Ensino Superior: Gênero e Experimentação. Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais, Luziânia, v. 1, n.2, p. 95-105, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.024>

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), resultou de uma experimentação curricular desenvolvida a partir de um projeto de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEnsino da Universidade do Vale do Taquari – Univates. A experimentação curricular aconteceu junto ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq) e foi desenvolvido em parceria com o Grupo de Estudos de Gênero da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Apoio financeiro: Nenhum.

Conflitos de interesses: Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse.

Correspondência: iwribeiro@universo.univates.br

Recebido: 18 Jul 2020.

Aprovado: 22 Ago 2020.

Editor: Marcelo Máximo Purificação.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



O debate sobre questões de gênero vem ocorrendo nos mais variados setores da sociedade e atravessa diferentes instituições. Ao considerar a atualidade dessa temática e as disputas teóricas e políticas que vem acontecendo em seu entorno, nos perguntamos: de que modo as questões de gênero são abordadas em meio a uma Instituição de Ensino Superior?

Com intuito de pensar o gênero como uma secção que atravessa as instituições de modo a subjetivar sujeitos, adotou-se o currículo em um sentido perspectivado, problematizador (TADEU, 2003). Compreendeu-se o currículo, na experimentação que será apresentada, por meio das práticas pelas quais professoras/es e as/os estudantes compõem percursos formativos ao longo das vivências acadêmicas. Tomou-se o imoralismo, no sentido nietzschiano, para problematizar aquilo que se dá em meio a universidade com “desconfiança de toda moral baseada no absoluto, no universal e na natureza” (TADEU, 2003, p. 55). Dessa maneira, parte-se de um olhar crítico sobre a produção de verdades, a noção de sujeito, o pensamento identitário e o poder acontecendo em ato (TADEU, 2003). O pensamento perspectivado do currículo busca, assim, construir seu pensamento através de questionamentos.

Nessa direção, inicia-se o texto com problematizações em torno dos tempos da educação, das teorizações de currículo e possíveis relações com questões de gênero e feminismo. Em seguida, aborda-se especificamente a noção de currículo imoralista, com a qual a experimentação se envolveu, relacionado à noção de performatividade de gênero. Posteriormente, aponta-se de que modo se pensa por meio do arquivo, em um sentido foucaultiano, as práticas curriculares relativas ao gênero. Por fim, apresenta-se uma experimentação curricular, proposta em meio a Universidade do Vale do Taquari – Univates, a partir de produções acadêmicas, tomadas como práticas curriculares, desenvolvidas na mesma instituição e os ditos que foram proferidos ao longo dos encontros relativos a questões de gênero e currículo.

2 O CURRÍCULO TEM CURRÍCULO?

Sandra Mara Corazza (2005) escreveu uma reflexão chamada “Tempos da Educação”. Neste texto, já muito difundido e discutido na formação de professores, a autora pontua que é possível refletir sobre o que foi feito em educação até aquele momento, pois as áreas da pedagogia e currículo há muito vêm se constituindo. Corazza historiciza o seguinte:

Desde o século XVII, com a Didática Magna, de Comenius; com a descoberta da infância, pelo Emílio, de Rousseau; com a institucionalização da educação, pela invenção da escola, a pedagogia e o currículo vêm, histórica e politicamente, se constituindo. Em função disso, somos filhos e seguidores de uma longa tradição, bem mais antiga do que nós. Uma tradição de educar as novas gerações; ensinar-lhes conhecimentos; governar suas atitudes, hábitos, sentimentos; discipliná-las, para que vivam e sobrevivam, relativamente bem, no tempo e espaço que lhes tocou viver (2005, p. 7).

Ao iniciar o texto e localizar historicamente a institucionalização da educação, a autora sinaliza alguns elementos que indicam que as práticas de educação foram produzidas e inventadas, constituindo o currículo de uma ou outra forma. Desse modo, o que ‘deve ser’ um currículo, o que ‘tem que ter’ em um currículo não é aquilo que é ‘essencial’ a ele, mas sim são constructos acerca do ‘que deve’ ou do ‘que pode’ estar em currículo, conforme o lugar, o tempo e os grupos de interesse que o produziram e os produzem.

Afirmar o aspecto histórico do currículo é importante porque não se diz algo em um tempo e lugar sem haver condições históricas para que se possa dizer/fazer tal coisa (FOUCAULT, 2013). Assim, o currículo é uma invenção moderna e, portanto, nem sempre existiu. Mesmo que as formas de ensino existissem desde a Antiguidade, as escolas [e universidades] só foram construídas na Europa na Idade Média. Neste período foi estruturado um sistema de ensino e criada uma primeira noção de currículo, cuja organização se constituía em dois blocos de saberes: o *trivium* (Gramática, Lógica ou Dialética e Retórica) e o *quadrivium* (Geometria, Aritmética, Astronomia e Música).

De acordo com Olegário, foi com a Didática Magna de Jan Amós Comenius, publicada no século XVII, que se inaugurou “a educação sob o cunho universal, sendo a escola o espaço mais apropriado para a difusão dos conhecimentos das ciências e, inclusive, dos ensinamentos religiosos” (2018, p. 82). A partir da sistematização de Comenius, foram definidos pressupostos que vão desde o que deve ser ensinado até uma aproximação intencional do campo científico com a religião (OLEGÁRIO, 2018).



Vale, aqui, ressaltar que a Didática Magna surge posterior a Contrarreforma e em meados do processo de racionalização e secularização do mundo teológico ocidental e, nesse sentido,

se antes de 1650 quase todo mundo disputava e escrevia sobre as diferenças confessionais, em seguida, por volta de 1680, escritores franceses, ingleses e alemães começaram a perceber que o conflito confessional, antes no centro, estava se tornando cada vez mais um tema secundário e que o principal assunto agora era a crescente concorrência entre fé e incredulidade (ISRAEL, 2009, p. 32).

Ainda com relação ao mesmo tema, a obra de Comenius surge em um período de muitas disputas filosóficas, teológicas, científicas e também de gênero. Comenius pressupunha um ideal que ele mesmo chamou de pansófico, ou seja, era preciso ensinar tudo a todos, inclusive às mulheres (NARODOWISKI, 2004). Também no período do século XVII, com o surgimento do Iluminismo Radical, o debate do acesso à filosofia considerava, por parte de alguns, que as mulheres também deveriam ser educadas sobre ciência (ISRAEL, 2009).

Voltemos ao texto de Corazza (2005) em que a autora nos aponta três grandes tempos da educação. O primeiro tempo, relacionado ao princípio da modernidade é denominado “Neutralidade Iluminada” (CORAZZA, 2005, p. 8). Este é um tempo no qual podemos perceber a emergência da pedagogia e das teorizações do currículo atravessados pela religião, também calcado na ciência, nos valores humanistas, na necessidade da educação para todos, nas relações de educação com o mundo do trabalho (CORAZZA, 2005).

Por outra via, Tomaz Tadeu da Silva (2017), em sua obra Documentos de Identidade, nos indica que as primeiras teorizações do currículo podem ser chamadas de Teorias Tradicionais. Entretanto, para o autor, as teorizações específicas sobre o currículo não podem ser confundidas com teorizações educacionais e pedagógicas. Os estudos do currículo como um campo especializado surgem apenas no início do século XX nos Estados Unidos (SILVA, 2017).

Ao considerar esse período de emergência dos estudos do currículo para o referido projeto é necessário pontuar que nesse primeiro momento das teorizações, ou mesmo no tempo da Neutralidade Iluminada (CORAZZA, 2005), não há uma aproximação com estudos de gênero ou com o próprio feminismo. O que poderíamos chamar de primeira onda feminista, que emerge ao fim do século XIX e início do século XX, tinha como objetivo principal conquistar direitos iguais à cidadania, incluindo à educação (PISCITELLI, 2009). Percebe-se que os movimentos feministas se preocupavam com o acesso à educação, mas não com questões de ordem curricular.

Já o Segundo tempo da educação surge em meio às condições de possibilidades criadas pela neutralidade Iluminada. “Esse é o tempo da Suspeita Absoluta” afirma Corazza (2005, p. 8), que consiste em um período de polarização entre liberais e marxistas, tempo de politização da educação, “tempo das pedagogias e dos currículos críticos, radicais, emancipatórios, progressistas, cidadãos. É o tempo de Paulo Freire e de sua potente produção mundial da Educação Libertadora” (CORAZZA, 2005, p. 9).

Em meio a essa suspeita absoluta, emergem as teorizações críticas do currículo apontadas por Silva (2017), assim como as primeiras teorizações feministas que atravessaram o campo da educação e influenciaram a produção de currículos. O feminismo começa a ganhar força no meio acadêmico e uma série de questionamentos que apontavam, por exemplo, para materiais didáticos categorizando médicos-homens e enfermeiras-mulheres, tornavam-se alvo de discussões. Ou seja, as representações de homens e mulheres naturalizando determinados conhecimentos como masculinos ou como femininos passaram a ter visibilidade e a serem refutados.

A partir desse momento, os estudos feministas passaram a integrar as discussões de currículo e a questionar a neutralidade do mundo social a partir da noção de gênero. Nos Estados Unidos da América (EUA), surgiram, também nesse período, uma série de estudos de mulheres que criaram a chamada pedagogia feminista que visava “desenvolver formas de Ensino que refletissem os valores feministas e que pudessem formar um contraponto às práticas pedagógicas tradicionais” (SILVA, 2017, p. 96). É importante observar que o feminismo do período das teorias críticas, que converge com a emergência da segunda onda feminista (PISCITELLI, 2009), atravessa as teorizações do currículo, mas não o teoriza propriamente.

Ao refletir sobre o terceiro tempo da educação (CORAZZA, 2005), podemos encontrar, nas teorizações sobre o currículo, produções feministas e de estudos de gênero. O terceiro tempo, de



acordo com a autora, é do Desafio da Diferença Pura. Esse tempo, que surge com a pós-modernidade, afirma a existência da diferença, daqueles que são puros, “[...] diferentes em si-mesmos, essencialmente-outros, não-idênticos, outros-diversos” (CORAZZA, 2005, p. 9). Tal caracterização do tempo parece coincidir com o que Silva (2017) denomina de teorias pós-críticas do currículo, às quais são compreendidas para além de projetos institucionais e estatais.

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2017, p. 150).

É nesse desafio da diferença pura e das teorizações pós-críticas que surge a Teoria queer, cujos efeitos impactam os estudos do currículo. Essa teoria surgiu a partir de estudos gays e lésbicos nos EUA e na Inglaterra. O vocábulo queer significa de forma pejorativa ‘estranho’, ‘esquisito’, ‘incomum’, ‘fora do normal’, ‘excêntrico’ (SILVA, 2017, p. 105). Tamsim Spargo (2017) nos ensina que “o termo ‘queer’ pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao ‘normal’ ou à normalização” (SPARGO, 2017, p. 13).

A Teoria Queer vem, portanto, estranhar, perturbar a tranquilidade e a normalidade do currículo. Ampliando a problematização que já existia com os movimentos feministas, o queer passa a ser, assim como a crítica feminista, uma postura epistemológica perante o currículo e tudo aquilo que junto dele se exerce.

Um currículo inspirado na teoria queer é um currículo que força os limites das epistemes dominantes: um currículo que não se limita a questionar o conhecimento como socialmente construído, mas que se aventura a explorar aquilo que ainda não foi construído. A teoria queer - esta coisa ‘estranha’ - é a diferença que pode fazer diferença no currículo (SILVA, 2017, p.109).

Em meio a esses estudos, surge o que foi chamado pela filósofa Deborah Britzman de ‘pedagogia queer’ (SILVA, 2017, p.107), a qual pressupõe que a questão da sexualidade pode ser “seriamente tratada no currículo como uma questão legítima de conhecimento e de identidade” (SILVA, 2017, p.108). Assim, um currículo queer pode ser pensado a partir dessas problematizações de gênero e sexualidade (NARDI; QUARTIERO, 2012) e também de forma mais ampla, como uma postura frente ao conhecimento (LOURO, 2016; RANNIERY, 2017).

Um currículo imoralista?

Após esse breve histórico que abordou a relação da noção de tempos da educação, das teorizações em torno de currículo e as problematizações feministas em torno de questões de gênero, apresentamos, a seguir, a perspectiva da qual se partiu para pensar a experimentação curricular que será desenvolvida mais adiante. Com o intuito de pensar o currículo por meio de práticas discursivas e não discursivas em torno de gênero que emergem em meio a uma universidade, aproximou-se da noção nietzschiana de currículo imoralista.

Uma teoria nietzschiana do currículo seria, enfim, fundamentalmente imoralista - não no sentido de ausência de qualquer valor, mas no sentido de desconfiança de toda moral baseada no absoluto, no universal e na natureza. Uma teoria nietzschiana do currículo apelaria para uma contínua invenção, para uma permanente transvaloração de todos os valores do currículo (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 55).

Essa abordagem permitiu, ao invés de dizer ‘o que deve’ compor um currículo em torno de gênero no Ensino Superior, problematizar as práticas que acontecem em meio ao espaço universitário de modo que sejam compreendidas como práticas curriculares de gênero.

Em Dr. Nietzsche, curricularista - com uma pequena ajuda do Professor Deleuze, Corazza e Tadeu (2003) refletem como o pensamento da diferença, genealógico, pós-estruturalista, pode contribuir para os estudos do currículo. Essa perspectiva tem forte inspiração na obra de Friedrich Nietzsche,



Genealogia da Moral (1998), a qual buscou construir uma genealogia sobre as noções de bom e mau, bem e mal. O filósofo, ao se questionar sobre qual seria o valor dos valores, buscou compreender como os valores foram sendo constituídos. Desse modo, passou a entendê-los não por suas definições ou essências, mas por sua constituição histórica. Em meio a tal perspectiva, Nietzsche (1998) ocupou-se com a averiguação de em que condições e circunstâncias os valores foram sendo construídos e/ou modificaram-se ao longo da história. Nessa medida, Nietzsche desconfiava dos valores e olhava para a moral com suspeita. Com inspiração nesta obra de Nietzsche, pensar um currículo imoralista implica em “[...] quatro questões centrais: a questão do conhecimento e da verdade, a questão dos sujeitos e da subjetividade, a questão do poder, a questão dos valores” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 37). Esses pontos são importantes, pois um currículo também é imposição de sentidos, de verdades. Já um currículo imoralista, por sua vez, se pergunta “por que estes conhecimentos e não outros são considerados certos ou verdadeiros?” (COSTA, MUNHOZ, 2014, p. 429).

Os currículos sempre trazem consigo noções de sujeito e subjetivação (ex: sujeito autônomo, habilidoso, competente etc). Um currículo imoralista, entretanto, se pergunta “Porque esse sujeito e não outro?” (COSTA, MUNHOZ, 2014, p. 429). Os currículos carregam seus planos com valores (ex: família tradicional, homem de bem etc). Um currículo imoralista, por outro caminho, se pergunta: por que estes valores e não outros? Por que essa verdade e não outra? Por que queremos este tipo de sujeito e não outro? Por fim, pode se dizer que esses elementos estão impregnados nos currículos e sempre são compostos por relações de poder.

Essas questões que o imoralismo nietzschiano permite fazer podem ser pensadas em torno das questões de gênero, em um sentido não de afirmar de que modo o gênero deve ser abordado em uma Instituição de Ensino Superior, mas sim de perceber o modo como elas emergem em meio a esse espaço. Nessa direção, ao invés de pensarmos um currículo queer, ou feminista, nos aproximamos da concepção de performatividade de gênero de Judith Butler (2017) para compor de modo imoralista um arquivo de práticas curriculares de gênero que emergiram na Universidade do Vale do Taquari – Univates até o ano de 2017, ano anterior ao qual a experimentação curricular foi realizada, e dos ditos que emergiram em meio a atualização do material selecionado.

Para compreendermos como a performatividade de gênero pode atravessar o currículo ou ser produzida por ele, tomamos a obra Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade de Judith Butler (2017). A autora sistematizou o debate feminista em termos epistemológicos e questionou os efeitos da categoria “Mulher” como sujeito do feminismo e a noção de identidade de gênero. Além disto, a filósofa tencionou a discussão em torno do sexo/gênero/desejo e apontou como a matriz heterossexual vem sendo pensada. Depois de levantar essas problemáticas, a autora direcionou o debate sobre a compreensão de gênero e corpo. Para Butler (2017), o corpo expressa o gênero de forma performativa, através de atos, gestos e atuações. Portanto, o corpo não é uma ‘matéria inerte’ (BUTLER, 2017, p. 223), como compreendem perspectiva cristãs e cartesianas. Aquilo que o corpo apresenta, expressa, é uma inscrição que varia conforme os atos políticos, culturais, sociais, históricos nos quais está inserido.

Diante disso, o gênero pode ser entendido como “um estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente de sentido” (BUTLER, 2017, p. 240). Além disso, o gênero, para Butler, “requer uma performance repetida” (2017, p.242). Nessa perspectiva, os gêneros como efeitos de verdade são aquilo que pode ser performado através da linguagem, dos ditos, das práticas institucionais, ou mesmo pelo corpo, através da expressão de feminilidade e masculinidades. Assim, tomamos a performatividade de gênero por meio das práticas discursivas que emergiram na produção acadêmica selecionada e nos encontros da experimentação curricular.

3 ARQUIVO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Propôs-se inicialmente pensar práticas de gênero por meio do currículo. Desta feita, problematizou-se como as práticas curriculares operaram com as questões de gênero ao longo de uma história das teorizações curriculares e dos tempos da educação. Esse movimento propiciou perceber que as perguntas colocadas no começo da proposição podem ser articuladas por um viés imoralista. Imoralizar o currículo das práticas de gênero da Univates faz com que nos ocupemos com a averiguação das condições e circunstâncias com que elas - as práticas de gênero - foram sendo



construídas ou modificadas em meio a instituição. Tal proposição parece fazer sentido, pois entende-se que pensar um currículo das práticas de gênero é olhar para as imposições de sentido, a valoração que se dá para o gênero em meio ao espaço acadêmico. Assim, perguntou-se: o que já foi produzido sobre gênero na Universidade do Vale do Taquari - Univates?

Essa pergunta nos direcionou à noção de arquivo de Michel Foucault, o qual é entendido como “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (2009, p. 147). Desse modo, nos aproximamos da obra *A Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2009), bem como de outras produções do autor. Em relação à questão dos enunciados, o autor propõe que se perceba as práticas discursivas através das seguintes perguntas: Quem fala? De quais lugares institucionais essa pessoa fala? Em que situações foi ou é possível dizer o que se disse? Considerando a perspectiva do arquivo e também que esse trabalho se refere a uma instituição de Ensino Superior, propõe-se novas indagações: em que situações foi ou é possível problematizar questões de gênero? Quem tem interesse em problematizar questões de gênero na instituição? De quais lugares institucionais essas pessoas falam?

Nesse sentido problematizador, buscou-se compor uma experimentação curricular em um sentido de atualizar um arquivo produzido na Universidade do Vale do Taquari – Univates pelos sujeitos que nela habitam, sejam professoras ou estudantes. Além disso, não interessou fazer um movimento hermenêutico, interpretativo do gênero dos sujeitos, mas sim atualizar o arquivo de modo descritivo em dois sentidos: a) apresentar produções em torno de questões de gênero que já haviam sido feitas na instituição, e, b) compor um arquivo descritivo da experimentação curricular possibilitada pelas produções feitas anteriormente. Assim, não foram categorizados os ditos, nem cruzados com o referencial teórico, pois o intuito é compor um arquivo em torno de currículo e gênero e não analisá-lo. Pretendeu-se dar visibilidade para os ditos em torno de currículo e gênero em um sentido de perceber os seus valores, em um sentido nietzschiano.

Por meio dos questionamentos, assentiu-se que o Grupo de Estudos de Gênero, que se reúne desde 2014 na Universidade do Vale do Taquari - Univates, seria um coletivo a tratar de pessoas interessadas e que pleiteiam a valoração acerca de gênero, em meio a esse espaço universitário. Assim, através dos componentes deste grupo, mapeou-se produções acadêmicas desenvolvidas em situações curriculares do Ensino Superior, durante o período de 2014 (ano em que o grupo começou a se reunir) até o ano de 2017 (ano anterior ao levantamento). Como um dos objetivos desse mapeamento era propor, em meio a Instituição de Ensino Superior, práticas curriculares acerca das questões de gênero, selecionou-se aqueles trabalhos que permitissem a composição de um percurso por práticas discursivas de gênero.

A busca dos materiais produzidos por pessoas que participa(ram) do Grupo de Estudos de Gênero foi realizada na Biblioteca Digital da Univates (BDU), no site da Editora da Univates, nos rastreamentos do Curriculum Lattes de pesquisadoras e pesquisadores e em notícias divulgadas no site da Univates. No BDU foram localizados Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de estudantes; na Editora da Univates foi identificado um livro produzido por meio do Diretório Central de Estudantes (DCE); no Curriculum Lattes dos pesquisadores, envolvidos no grupo, encontrou-se um artigo de duas pesquisadoras. Abaixo as produções encontradas:

TCC 1: “História Cruzadas” e a Movimentação Social Feminina Negra pelos Direitos Civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960 (SILVA, 2015);

TCC 2: Representação da mulher na série *Orange Is The New Black*: estudo sobre a violência (RIGONI, 2017);

Livro: Um Baile Misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari (KOCH, 2017);

Artigo Científico: O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil (CAZAROTTO; MEJÍA, 2017).

Notícia - Curso de Psicologia promove debate sobre “cura gay” (XXXXXXX, 2017).

Nessas produções pode-se evidenciar que existem determinadas práticas de gênero que ocorrem em meio a instituição. E por existirem tais práticas, é possível compreender que há um campo de relações de poder no que concerne à valoração de gênero, dos sujeitos generificados e de produção



de verdades sobre o tema. Contudo, para compor uma experimentação curricular imoralista, considerou-se pertinente que esses trabalhos fossem problematizados, afinal, de algum modo, eles compõem um currículo de práticas de gênero da universidade por produzirem processos de subjetivação nas professoras e estudantes.

Em meio a tal perspectiva e com vistas a dar visibilidade ao material produzido, assim como, tensionados as práticas de gênero da Instituição, organizou-se o que foi intitulado “Ciclo de debates: o que podem os estudos de gênero na universidade?” O ciclo desenvolveu-se dentro do campus da universidade e em conjunto às autoras dos materiais escritos e a um estudante do curso de Psicologia que performa uma *Drag Queen*. O motivo de desenvolver a atividade, em conjunto com as autoras das produções, justificava-se pois suas práticas discursivas e não discursivas de gênero seriam a base para produzir outros movimentos, para atualizar um arquivo, imoralizar um currículo. Além das práticas já existentes, entendemos que seria preciso fazer um primeiro encontro como introdução ao tema de gênero e as suas intersecções.

Com a escolha das práticas de gênero e os aceites, organizamos seis encontros que foram nomeados da seguinte maneira:

- 1º Conceito de gênero e suas interseccionalidades;
- 2º Questões de gênero no Vale Taquari, RS;
- 3º Mulheres Imigrantes no Vale do Taquari, RS;
- 4º Produção audiovisual, corpo e gênero;
- 5º Mulheres Negras, Direitos Civis e Cinema;
- 6º Corpo e Gênero: Experimentações.

A proposta e o objetivo da atividade eram apresentados em todos os encontros, pois as pessoas poderiam se inscrever em um ou outro encontro, sem participar de todos. Dessa maneira, conforme os encontros iam acontecendo, novas pessoas começavam a participar. A procura pelo Ciclo de Debates impressionou pelo número de inscrições. Eram vinte e cinco (25) vagas disponibilizadas para cada encontro, sendo que em todos, as vagas foram preenchidas. Todos os participantes também foram convidados a assinarem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para uso de informações, garantindo o anonimato, pois os ditos das/os participantes seriam registrados em um diário de bordo para futura publicação.

4 A ATUALIZAÇÃO DE UM ARQUIVO: EXPERIMENTAÇÃO CURRICULAR

A experimentação curricular caracterizou-se pelos seis encontros que foram realizados. Os encontros começavam com a apresentação do Ciclo de Debates e logo era disponibilizado um espaço para que as/os participantes expusessem seus interesses sobre as questões de gênero. Depois seguia com a apresentação do texto por parte das autoras e finalizava com conversa (espaço para perguntas, comentários, reflexões...). Ao que se refere às apresentações dos textos produzidos pelas autoras, foi interessante notar que, no caso de TCCs e livro, retornava-se ao tema “no currículo do meu curso não se aborda questões de gênero” como justificativa da escrita.

Os TCCs foram apresentados pelas estudantes e estudante não binária (que não assume uma identidade de gênero) como uma pesquisa de interesse pessoal, pois não figuravam como temas no currículo disciplinar do curso. No caso do TCC intitulado Representação da mulher na série *Orange Is The New Black*: estudo sobre a violência (RIGONI, 2017), a autora apontou que na referida produção audiovisual, percebia-se a hierarquização associada à gênero. A apresentação desse trabalho suscitou a discussão da violência no campo da produção audiovisual.

No encontro que debateu o TCC intitulado ‘História Cruzadas’ e a Movimentação Social Feminista Negra pelos Direitos Civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960 (SILVA, 2015), a autora, estudante de História, enfatizou ter sido orientada por uma professora do Curso de Letras, que atua no curso da aluna. Na direção do discurso “meu curso não aborda isso no currículo”, a estudante buscou uma



professora que pudesse “dar conta” da análise fílmica em relação à produção literária, na direção de uma análise historiográfica. Além disso, a autora apontou questões de ordem ética ao que se refere à sua escrita, pois o seu lugar de fala é de mulher branca que se ocupou da história das mulheres negras.

O encontro que surgiu com inspiração no livro intitulado *Um Baile Misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari* (KOCH, 2017) foi permeado por um segundo trabalho dessa mesma autora: seu TCC, finalizado um mês antes do início do Ciclo de Debates. O encontro abordou, portanto, dois textos: o livro e o TCC. A explanação girou em torno da forma de abordar entrevistas em termos de História Oral e a responsabilidade com as narrativas de vidas de resistência de pessoas gays, trans e negras, ao sistema branco heterocisnormativo. Com a discussão do TCC, o debate se direcionou para a história da população LGBTI+ no Vale do Taquari, RS.

Já no que se refere ao artigo intitulado *O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil* (CAZAROTTO; MEJÍA, 2017), houve problematizações em termos de desenvolvimento de pesquisa, da história da migração haitiana e das reverberações dos movimentos migrantes à região do Vale do Taquari, RS. Nesse encontro, uma estudante de um programa de pós-graduação, cuja pesquisa vincula-se a esse trabalho, também apresentou sua investigação e os seus percursos no campo de pesquisa. Em outras palavras, percebeu-se uma interlocução do campo da pesquisa com a formação de futuras/os pesquisadoras/es atinente ao gênero.

O último encontro teve um planejamento diferenciado em virtude da experimentação *Drag*. Para que se pudesse proporcionar um momento de “montagem”¹ às/aos participantes, reservou-se o espaço da Brinquedoteca do Curso de Pedagogia, no qual estão disponibilizados figurinos para performances artísticas. Além disso, para que as/os participantes apresentassem suas *Drags*, utilizou-se uma estrutura móvel de palco para construir uma passarela. O espaço proporcionou três momentos: a) apresentação do Ciclo, da experimentação *Drag* e conversa com a performer *Drag*, b) escolha de características da *Drag* (nome, proveniência, história...), experimentação do vestuário disponível na Brinquedoteca e desfile, e, c) roda de conversa sobre a experiência.

Nesse último encontro, o debate se referiu ao currículo da graduação, pois a proposta da experimentação *Drag* surgiu a partir de um evento do Curso de Psicologia que problematizou o tema da “Cura Gay”, momento no qual, estudantes do curso performaram *Drags* com o intuito de resistir a movimentos neoconservadores.

Um arquivo em torno de currículo e gênero: ditos que emergiram ao longo dos encontros

Durante o Ciclo de Debates: O que podem os estudos de gênero na Universidade? percebeu-se que o interesse das/os participantes versava sobre alguns pontos comuns: formação, profissão e experiências de vida. No que se refere a formação, estudantes do curso de Psicologia apontaram que, por um determinado viés, o curso demanda saberes sobre gênero em meio a várias disciplinas ou em momentos de palestra, mas não possui disciplina específica sobre o assunto, nem conteúdo programático em disciplina. Na direção dessa afirmação, uma estudante do curso de Design apontou a mesma circunstância temática. Um outro estudante do curso de Psicologia apontou que “não possui conhecimento sobre o tema” e por isso gostaria de acompanhar os encontros com foco na sua aprendizagem pessoal. Além desses apontamentos, um mestrando em filosofia informou que “estuda Emmanuel Levinas e se debruça sobre a relação com o outro” o que o levou a se inscrever no Ciclo.

Quanto ao ponto profissão, uma professora pesquisadora diz que “a temática de gênero aparece nos seus estudos sobre inclusão” e outra professora pesquisadora apontou que “trabalha com a disciplina Temas Contemporâneos”, cujo plano de estudos prevê a discussão de gênero. Uma estudante de Pedagogia contou que trabalha como monitora em uma escola de educação infantil e em determinado dia “foi questionada por uma mãe sobre os temas que falava em sala” e disse ter entendido que ela se referia à gênero. Além disso, estudantes do mesmo curso mencionaram que as relações de gênero estão presentes no cotidiano das escolas, desde a educação infantil, tais como a divisão das crianças em atividades de meninos e meninas, a rotulação de brinquedos e brincadeiras, como algo de um ou outro gênero.

¹ Termo utilizado pelas *Arrasta* sobre o processo de vestimenta da personagem.



O último ponto em comum diz respeito ao tema “vida”. Essa foi a expressão que um estudante de Psicologia utilizou para justificar o seu interesse no Ciclo. Em consonância com esse comentário, duas estudantes de Psicologia também apontaram que buscaram participar dos encontros em função da “vida profissional futura” e também da “vida pessoal”. Uma estudante do ensino médio disse ter se inscrito porque tinha “vivências com amigos”.

Um dos ditos tratou sobre a maternidade “sou mãe de menino” - pronunciou uma das participantes, justificando o seu interesse pela atividade. Uma outra estudante de pedagogia apontou que “é um tema novo e trata de questões culturais que escapam”. Ainda, um estudante do curso de História alegou que seu interesse nos encontros se dava porque escreve ficção, sendo que o Ciclo seria uma “boa forma de pensar suas personagens” e, por fim, anunciou que está “na lista de espera no Hospital das Clínicas para tratamento hormonal”.

Ao longo do Ciclo de Debates vários assuntos acerca dos currículos formais foram abordados, mas também outros temas surgiam por indagações das/os participantes. A abundância de temas surgidos também apontaram para questões como: direitos humanos, pessoas intersexo e seu reconhecimento, aborto, Lei Maria da Penha, acesso à hormônios, políticas afirmativas na graduação e na pós-graduação, influência das igrejas nas escolhas individuais, arrogância cultural, experiência com pessoas muçulmanas em um intercâmbio, ser mais ou menos humano, a intervenção na vida do outro, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), plásticas vaginais, *pinkmoney2*, filmes pornô, internet, preconceito por falta de conhecimento, eleição presidencial 2018. Também surgiram temas acerca do racismo estrutural, como o silenciamento de culturas, embranquecimento da população brasileira, associação das mulheres negras à agressividade, racismo institucional com a imagem do iceberg, ocupação da UFRGS e seus espaços de legitimidade para pessoas negras, entre outros.

As participantes da oficina *Drag* refletiram sobre a performatividade de gênero e problematizaram a própria noção de *Drag*. Festividades culturais foram citadas como momentos de expressão *Drag*: “carnaval que aceita travestilidade”; “tradição escolar que meninos e meninas trocam de roupas”; “o gaúcho” que veste indumentária específica para eventos “como *Drag*”; as “festividades alemãs” que possuem roupas específicas para seus eventos ou até mesmo movimentos na produção literária em que “autoras mulheres se passaram por homens para terem maior aceitabilidade”. Com essas reflexões, um participante perguntou: “quantas *Drags* uma pessoa tem?” Concluiu-se que a noção de *Drag* pode ser tensionada e que, portanto, ainda é um “conceito em disputa”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação curricular, cujo objetivo era pensar de que modo as questões de gênero são abordadas em meio a uma Instituição de Ensino Superior, possibilitou compor um arquivo, de modo descritivo, sobre os percursos curriculares atinentes à gênero de estudantes e pesquisadores que habitam a Universidade do Vale do Taquari - Univates. Para pensar um percurso curricular imoralista, de modo a atualizar as práticas que ali são performadas, utilizou-se de trabalhos produzidos em meio a esse espaço. Buscou-se compreender como a valoração das questões de gênero vem sendo imposta à vida acadêmica atrelada ao currículo e de que maneira os sujeitos operam por esse campo temático.

Pode-se perceber que algumas pessoas buscaram o Ciclo de Debates em um sentido de curiosidade, enquanto outras estavam interessadas em um espaço de debate sobre os temas, bem como poder pensar a si mesmo em relação às expressões de gênero. Consideramos como elementos a serem destacados os ditos dos participantes, as suas motivações e as reflexões levantadas ao longo dos encontros. Podemos concluir que a abordagem das questões de gênero atravessa o currículo do Ensino Superior e a formação dos estudantes, mesmo que os currículos oficiais dos cursos de graduação não prevejam oficialmente o tema.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2017.

² Designação relativa ao poder de compra da população LGBTI+.



- CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. **REVISTA PÓS-CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 14, p. 171, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/6452/4117>.
- CORAZZA, Sandra Mara. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V.12, p7-10, mar. 2005.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Dr. Nietzsche, curricularista - com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, Cristiano Bedin; MUNHOZ, Angélica Vier. Genealogia e imoralidade: o currículo entre experimentações nômades e estratificações sedentárias. (p.423-437) **Revista Linhas**, Florianópolis, v.15, n.29, jul./dez. 2014.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. [recurso eletrônico] 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história (p.55-86). In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 27ed. São Paulo: Graal, 2013.
- ISRAEL, Jonathan I. **Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade: 1650- 1750**. São Paulo: Madras, 2009.
- KOCH, Jandiro Adriano. **Um baile misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari**. Lajeado: Editora da Univates, 2017. Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/226>.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MUNHOZ, Angélica Vier; CRIZEL, Ana Paula. Experimentações curriculares: outras possibilidades. IN: Munhoz, Angélica; GIONGO, Ieda (orgs). **Observatório da Educação I**. Lajeado: Univates, 2015.
- NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Elaine. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana**. n.11, ago, 2012. pp.59-87
- NARODOWSKI, Mariano. **Comenius e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e pós-fácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLEGÁRIO, Fabiane. **Jogo com arquivos: procedimentos didáticos tradutórios**. 2018. 244 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de PósGraduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis&Vertecchia, 2009. (Coleção Sociedade em Foco: Introdução às Ciências Sociais)
- RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latino Americana**. n.25, abr, 2017. p.19-48
- RIGONI, Priscila. **Representação da mulher na série Orange Is The New Black: estudo sobre a violência**. 2017. Artigo (Graduação) – Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 28 jun. 2017.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- SILVA, Fernanda Dorneles da. **“História Cruzadas” e a Movimentação social feminina negra pelos direitos civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960**. 2015. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, jun. 2015.
- SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós- seculares**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. (Argos, 2)
- UNIVATES. **Curso de Psicologia promove debate sobre “Cura Gay”**. 2017. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/21516-curso-de-psicologia-promove-debate-sobre-cura-gay>. Acesso em: jul. 2018.



Informações sobre os autores:

IWR: Doutoranda em Ensino com Bolsa Integral PROSUC/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Universidade do Vale do Taquari - Univates. Possui graduação em história pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES (2016) e Mestrado em Ensino com bolsa CAPES/FAPERGS na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Tem experiência nas áreas de História e Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo, arquivo, discurso e gênero. E-mail: iwribeiro@universo.univates.br

AVM: Pós-doutorado (Modalidade Estágio Pesquisador colaborador) pela USP/SP, Professora Titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates, atuando no Centro de Ciências Humanas e Sociais e no Programa de Pós-graduação - Mestrado e Doutorado em Ensino e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. E-mail: angelicavmunhoz@gmail.com

PPD: Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - 2016); Colaboradora do Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade (Nupsex/UFRGS); Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Passo Fundo/RS na graduação em Medicina e no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde - Área de Concentração - Atenção Básica - Saúde da Família e Comunidade. Possui estudos e atua nas áreas da Psicologia da Saúde, Psicologia Social, Psicologia do Trabalho. Estuda temáticas que envolvem políticas públicas, direitos humanos, saúde do/a trabalhador/a, corporalidades, interseccionalidades, migrações, relações de gênero e sexualidade, violências intrafamiliares. E-mail: ppavandetoni@gmail.com

Contribuição dos autores: IWR; AVM; PPD: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.